

das Coisas do Mundo". Teria fixado residência em Tiahuanaco e ali criado uma geração de gigantes.

Será que o monólito em Tiahuanaco, a maravilhosa Porta do Sol, até agora não esclarecida em sentido e significado, tem talvez uma relação direta com a história tradicional da criação? Será demasiado arbitrária a interpretação da lenda do ovo de ouro, que veio do Cosmo e cujos passageiros começaram com a criação dos homens, se a tomarmos como realidade, a saber, como relato autêntico sobre uma nave espacial de estrêlas estranhas?

Esse ovo dourado, ou brilhante, que veio do céu, é, por assim dizer, um *leitmotiv* nas tradicionais histórias de formação da humanidade.

Na Ilha da Páscoa, os deuses são venerados como "Senhores do Espaço Universal". Dentre eles está Makemake, o deus dos "habitantes do ar". Seu símbolo é o ovo!

No Tibete há dois "livros" singulares: o Kandschur e o Tandschur. Na verdade, com respeito a essas obras, não se pode falar em "livro", pois o Kandschur sozinho contém 108 in-fólios que, em suas nove grandes divisões, contêm 1.083 volumes. Kandschur quer dizer "A palavra traduzida de Buda"; nêle se encontram colecionados os textos sagrados do lamaísmo. O Kandschur tem um significado igual ao do Alcorão para o Islã. Tandschur quer dizer "A doutrina traduzida" e é um comentário do Kandschur, em 225 volumes. Essas impressões chinesas em blocos ocupam tanto espaço, que são conservadas nos porões de várias aldeias escondidas nos vales das montanhas tibetanas. Os parágrafos de escrita estão entalhados em blocos de madeira de 1 m de largura, 10-20 cm de espessura e 15 cm de altura. Como em uma página impressa em pergaminho desses in-fólios cabem, em geral, oito blocos, é compreensível que o "manuscrito original" teve de ser guardado nos porões de aldeias inteiras. Foi traduzida apenas uma centésima parte desses textos, cuja época de elaboração não ficou estabelecida. Nessas duas obras misteriosas, fala-se repetidamente de "pérolas no céu" e de esferas transparentes, moradas dos deuses que, a grandes intervalos, se mostram aos homens. Existisse uma pesquisa orientada e coordenada do Kandschur e Tandschur,

presumivelmente muita, muita coisa ficaríamos sabendo sobre "deuses" e suas atividades, no antanho, sobre a Terra.

Na Índia, o Rigveda é tido como o livro mais antigo. A "Canção da Criação" nêle contida transporta-nos novamente ao estado de ausência da gravidade e do som, que reina no Cosmo infinito. Cito, do livro de Paul Frischauer "Está Escrito":<sup>1</sup>

"Não havia, então, nem o não-ser, nem o ser. Não havia nem atmosfera, nem o céu por cima. O que passava para cá e para lá? Onde? Sob a guarda de quem? O que era o inescrutável?...

Nem morte, nem imortalidade havia então.

Não existia sinal de dia e noite.

Respirava segundo sua própria lei, sem sopro de vento, esse Um. Qualquer outra coisa, senão essa, não existia.

No comêço, a treva se ocultava na treva... O elemento vital, circundado pelo vazio.: O Um nasceu pelo poder de seu ardente afã.

Pois havia um abaixo, havia um acima?...

Quem sabe ao certo, quem pode aqui anunciá-lo, de onde se formou, de onde veio esta criação?"

É preciso que se tome conhecimento, com tôda a consciência, de que o "elemento vital estava circundado pelo vazio". Como homens do século XX, dificilmente poderíamos reconhecer, nesse "Canto da Criação", outra coisa a não ser o relato de uma viagem cósmica.

Qual a razão convincente, porém, que existe, para explicar que, na nebulosa Antiguidade, os povos em tôda a volta do globo haviam contado histórias da criação contendo o mesmo núcleo, sem nunca terem sabido uns dos outros?

A literatura chinesa antiga legamos, no livro Tao-te-king, uma das mais belas definições sobre a origem do Cosmo, da vida e da Terra:

"O sentido que se pode imaginar, não é o sentido eterno.

O nome que se pode pronunciar, não é o nome eterno.

Além do nomeável fica o início do mundo.

Aquém do nomeável fica o nascimento das criaturas."

<sup>1</sup> Editado por Edições Melhoramentos, tradução de Else Graf Kalmus.